

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 46

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º Anno

## GOVERNO NOVO

Desceram os progressistas. Subiram os regeneradores. O paiz desce sempre.

Esta é a verdade: o paiz desce sempre!

Os regeneradores tinham feito um governo abominavel. Os progressistas fizeram-n'o peor. E assim vimos ha triinta annos!

Um povo sentimentalista e fraco como o nosso está sempre prompto a illudir-se e, por consequente, a perdoar. Assim que os regeneradores chegam á opposição todos esquecem os agravos dos mesmos regeneradores no poder e todos ficam á espera de que os ditos regeneradores voltem a fazer coisa melhor quando forem novamente governo. Egualemte com os progressistas. Afinal regeneradores e progressistas cada vez mais prejudicam os interesses e a honra da nação.

O ultimo governo progressista demonstrou, a mais, a maior torpeza moral de que ha memoria. Não cumpriu uma só das promessas feitas na opposição. Com um cynismo, com um impudor sem igual, praticou o mesmo que nos regeneradores proclamou como attentatorio da liberdade, da honra e dos interesses do paiz. Gastou rhetorica bombastica a fulminar na imprensa, nos comícios, no parlamento os actos liberticidas e anti-patrioticos dos regeneradores. Dirigiu as maiores injurias aos funcionarios que mais alegremente executavam esses actos, como ao juiz Veiga e ao embaixador Soveral. No governo conservou todos esses funcionarios e fez em tudo peor do que tinham feito os adversarios.

Todos esses corypheus progressistas se mostraram os homens de menos pudor, de menos brio, de menos altivez, os mais depravados e mais cynicos que teem apparecido no paiz. Quem escreve estas linhas nunca foi dos que pediram com maior furia candieiro para o Navarro e quejandos. Pois, não obstante, confesso que não trepidava em mandar fuzilar contra um muro todos esses ignobeis agentes do antigo partido da Granja.

Tanto elles offenderam a consciencia publica com actos da mais torpe incoherencia e do mais revoltante cynismo!

Os miseraveis que, alliados com os republicanos, chegaram a appellar para a revolução, ameaçando a corôa com ella! Chegando ao poder, foram os lacaios mais subservientes e nojentos que a corôa tem tido até hoje. A' propria corôa devem ter mettido nojo!

Os regeneradores não são menos subservientes nem menos ca-

pazes de tudo. Mas não offendem tanto a consciencia porque não ameaçam a corôa, nem promettem destrui-la, nem invocam sagrados principios quando estão na opposição.

Estou em erêr que nenhum republicano tornará mais a pensar em alianças com progressistas, nem a fiar-se n'esses tartufos. Mas se o houver, não acreditem já que o faça por ingenuidade. Se o houver é correl-o a pontapés, porque é um tratante que só procura ludibriar a nação como tantos, por tantas vezes, o teem feito.

Os homens que se dizem progressistas praticaram torpezas demasiadas para que restem illusões em alguém. Ninguem mais se pôde illudir com elles. Já não ha ingenuidade capaz de se deixar lograr por esses bandidos.

O partido progressista revelou-se o mais impudico de todos os partidos portuguezes.

E' exactamente isso que tem a mais sobre os regeneradores: é a incoherencia impudica, é um cynismo revoltante.

Hoje, que estão na opposição, devem os homens que sahiram do poder continuar merecendo das almas sãs o mesmo repudio que mereceram hontem. Pela nossa parte, confessamos que os abominámos. A todos!

De resto, desde que ha uma vontade deante da qual se curvam regeneradores e progressistas, a situação nacional não muda, nem pôde mudar.

Continuaremos na mesma.

## Subsidio para o canal de S. Roque

Devido á valiosa influencia do sr. Conselheiro Albano de Mello foi elevado a seis contos de réis o subsidio de tres contos concedido pelo governo em janeiro do anno corrente.

E' mais uma prova do interesse que a s. ex.ª teem merecido os melhoramentos a cargo da Junta da Barra cuja creação, como toda a gente sabe, se deve aos esforços do sr. Conselheiro Albano de Mello.

Noticias vindas da India portugueza, dizem que o cholera vae alli tomando proporções assustadoras. Por toda a parte se encontram cadaveres e os medicos veem-se na impossibilidade de determinar se a morte foi ocasionada pelo cholera ou pela fome.

Em um dos pontos da cidade appareceram ha tres dias seis cadaveres em estado de putrefacção, dois dos quaes estavam meio devorados.

Junte-se a essa situação a fome que está assolando o proletariado que não tem dinheiro para comprar o preciso para a vida.

## "O NORTE,"

Tivemos o prazer de visitar na passada segunda-feira as officinas typographicas d'este importante diario portuense.

Ficámos devéras maravilhados com o estado de acção e hygiene em que se encontram, e pela maneira captivante como fômos recebidos pelo seu pessoal tecnico, o que prova bem que são de uma educação esmerada.

Tambem visitámos a sua cooperativa, que é digna de elogio pela boa administração de quem a ella preside.

A machina de impressão que este nosso collega ultimamente adquiriu, tambem é digna de menção: tem dois cylindros, e é movida a motor. O seu trabalho é perfeito.

Em conclusão. Pôde dizer-se que o nosso presado collega *O Norte* é um jornal que tem adquirido em todo o paiz grande sympathia entre todas as classes sociaes, e a quem está reservado um largo futuro, com o que muito folgámos.

## E' um nunca acabar...

Escreve o correspondente de Santo Thyurso para um jornal de Lisboa:

«A reacção continúa, impávida e cynica, na sua campanha de trévas. Muitas raparigas d'aqui se tem recolhido aos conventos, e o movimento continúa. De duas sabemos nós que roubaram 200\$000 réis a seus paes antes de fugirem. Emquanto esta gente se não resolve a supprir o desleixo das auctoridades muitas desgraças teremos a lamentar.»

## Director das Obras Publicas

O engenheiro de 2.ª classe, sr. Diniz Theodoro d'Oliveira, que se achava á testa dos trabalhos a cargo da Junta Administrativa das Obras da Barra e Ria d'Aveiro, acaba de ser nomeado director das obras publicas do districto, sendo nomeado para o substituir na direcção das obras da Junta da Barra o engenheiro de 1.ª classe, sr. Silva Carvalho, director das obras publicas de Bragança. Consta-nos, porém, que o sr. Silva Carvalho não vem tomar posse do cargo para que foi nomeado.

Receba o sr. Diniz Theodoro d'Oliveira as nossas felicitações.

## Excursão a Braga

Promovido pelo quadro typographico do nosso collega *O Norte*, realisam hoje uma excursão a Braga os operarios portuenses.

O preço dos bilhetes de ida e volta é de 450 réis.

Os excursionistas tencionam vir brevemente a esta cidade.

Que sejam bemvidos.

## Cartas d'Algures

27 DE JUNHO.

Publicámos a segunda carta que, sobre o assumpto da ultima, nos foi enviada:

«Meu amigo.

Como lhe disse, esta pelinragem local não tem auctoridade alguma para censurar a fraqueza com que F. permittia á familia umas certas veleidades fidalgas.

Não ha duvida que toda a ambição da mulher de F. era chegar a ter Dom e usar uma chapeleta de senhora. Não ha duvida que a mania dos filhos de F. era o sport.

Mas qual é a mulher d'aqui que não tem a mesma ambição e qual é o rapazola que não tem a mesma mania? Qual é o marido e pae d'aqui que tem força para dar á familia tino e senso commum?

F. era um grande pedaço d'asno em tolerar essas asneiras.

Mas essa fraqueza, um pouco pedantesca e sempre pretenciosa, é a fraqueza de quasi todos os homens d'esta terra.

Isto é uma sucia d'asnos. Isto é uma grande cambada de insignificantes. Todos elles querem ser lords, pertencer ao tom, metter figura, ser alguém. Quando são modestos na pessoa d'elles, são immodestos e pretenciosos nas pessoas dos filhos e das mulheres.

Em parte nenhuma ha tanto garoto com pretensões, tanto vadio com ares de gentleman como n'esta terra. Isto é a terra mais asna e mais dissoluta de Portugal.

Sim, mais dissoluta, como v. o tem provado cem vezes e como estes ultimos factos o confirmam.

J. é o homem mais perversamente ignobil que se pôde imaginar. E' uma d'essas figuras horrendas de romance barato que causam asco, indignação e rubor aos leitores e leitoras do genero cá do sitio, quando topam com ellas nas suas leituras romanescas, sem que um exemplar vivo, como este objecto tratante, lhes cause, comtudo, repugnancia nem indignação nenhuma, vivendo e tratando com elle hora a hora.

E' um assassino, um ladrão, um malfeitor da peor especie.

Não querendo ter filhos legitimos, desatou á bordoadá á mulher no ultimo periodo de gravidez para que desse á luz uma creança morta. Nasceu a creança ainda com vida, continuou, quando a sogra tinha o filho nos braços, a pancadaria n'esta para acabar de matar a creança, o que conseguiu.

Isto foi participado á justiça, fez-se autopsia á creança, mas o eterno compadrio e a eterna brandura dos nossos costumes lá arranjaram as coisas de fórma a ficar tudo abafado.

Mas não só isto. J. corre a tiro uma pobre rapariga, que em outro tempo foi sua amante, por esta não consentir o desfloramento pelo bandido de uma sua irmã menor de 14 annos. Desfecha-lhe em sua propria casa dois tiros de revolver que não a atingiram, mas que produziram na desgraçada o medo sufficiente para entregar á bestialidade do malandro a innocente de 13 annos.

J., em certa rua, ás 10 horas da noite, desfecha sobre um inoffensivo sapateiro, unica testemunha de uma das suas malandricas, um tiro de revolver. Uma noite J. vae á tal rua e na casa onde habitava a amante de

certo negociante muito conhecido e ha tempos residente em Lisboa, pinta e escreve obscenidades. O inoffensivo sapateiro passa e pára a vêr, despertada a sua curiosidade pela grandeza da pintura e das palavras. J., o malandro, o bandido, que a alguns passos contempla a sua obra, desfecha sobre o curioso o revolver cujo tiro o não atinge por milagre, tão curta era a distancia.

E' ladrão e ladrão porco, sujo, indecente. Vae de noite, com uma porqueira vil que tem em casa, e que esta canalha local admite no seu convivio, porque arvorando essa porqueira em procurador dos seus negocios, manda-a como tal ás repartições publicas, aos escriptorios dos advogados, etc, atravessando com ella ao lado as ruas da terra, vae de noite, com essa porqueira vil, roubar as fazendas dos lavradores, d'onde traz milho, aboboras, batatas tudo quanto lhe apraz para gastar em casa ou vender na praça publica.

Com a mesma porqueira salta de noite os muros dos jardins publicos e particulares para roubar flores, que a mesma porqueira vae vender á praça. Já uma vez um jardineiro apprehendeu á porqueira, n'uma praça, as flores roubadas, apresentando-as á policia.

Sabe qual foi o resultado? O ladrão sujo ficou impune e o pobre jardineiro viu-se cruelmente perseguido por elle, que de noite ia apedrejar as janellas da casa do pobre homem, fazendo-lhe outras brejeirices de equal teor.

Rouba gallinhas, porcos, tudo quanto impunemente pôde roubar.

Industriou um filho n'esses roubos, filho que obrigava, creança ainda, a acompanhal-o a elle e á ignobil porqueira. Depois expulsou-o de casa. Hoje chama-lhe ladrão!

E' um perverso malfeitor, que não só mata por vingança os animaes domesticos dos vizinhos com quem embirra, como, ainda, chega á infamia de praticar n'esses animaes revoltantes e negras crueldades. Uma vez tirou os olhos a um carneiro! Outra vez esfaqueou uma porca e um burro!

O ente mais desprezivelmente torpe que é dado supprir.

Continúa praticando ultrajantes attentados em creanças pobres: agora auxiliado pela vil porqueira que lhas anda angariando pelas ruas.

Ultima expressão do canalha, é com infamias escriptas nas notas do banco de Portugal que propaga as suas asquerosas calumnias.

Ultima expressão do pulha, faz gestos indecentes ás senhoras, casadas com homens com quem tem qucs-tões, como ainda ha pouco fez com a esposa d'um advogado conhecido.

Foi já condemnado em juizo a penas infamantes, bem como a vil porqueira que o acompanha, por actos d'essa revoltante indecencia. Comtudo ainda ninguem lhe esmigalhou o craneo, nem lhe desfez as costellas, o que fará pasmar toda a gente que, de fóra da terra, lêr estas maravilhas.

E' verdade que só deve a F., no qual descarrega agora todo o seu ranco, ter ainda hoje a cabeça no seu logar e não ter ido parar á Penitenciaria.

Em certa occasião, em que o bandido roubou um animal domestico, foi F. que o salvou, destruindo-lhe as provas frisantes do crime. D'outra vez, que certo titular muito conhecido lhe jurou pela pelle, foi ainda F. quem levou esse titular a desistir do seu proposito. E agora porque F. teve menos geito ou capacidade para dirigir a empreza de que ambos eram socios, agora que só tem que se quei-

O NOSSO JULGAMENTO

Vamos, finalmente, ser julgados além d'amanhã.

Tem a data de 14 de junho o despacho que designa o dia 3 de julho para respondermos pelas suppostas offensas á religião do Estado. Mas só no dia 27 nos foi comunicado. Quer dizer: quando se soube que o actual governo ia conceder amnistia aos crimes de imprensa, o austero Esparta, para que não nos fossemos escapar das mãos da justiça, sahiu-se com o despacho que tanto em segredo guardára durante 13 dias bem mal contados.

Até terça-feira, portanto, e haja saude, que a cabeça não nos ha de doer.

Partiu hontem para as caldas de S. Pedro do Sul o nosso amigo João Vieira da Cunha.

Festejos ao S. Pedro

O santo chaveiro tambem apañhou festa. Na rua das Barcas houve illuminação e fogo. Tocou a phylarmonica *Amizade* até depois da meia noite.

Em algumas ruas e bairros tambem houve fogueiras e danças populares.

AO PAIZ

Á IMPRENSA

O juiz de direito na comarca de Aveiro e a Justiça

Temos esperado debalde que Francisco Antonio Pinto nos chamasse aos tribunaes.

Debalde!

Mas porquê? Porque não procede cidadão Esparta contra nós?

A resposta acode immediata ao espirito de todos: porque são verdadeiras todas as nossas accusações.

A lei admite prova contra funcionarios publicos. O nosso julgamento teria de se realizar perante um jury. E, feita a prova, o jury absolver-nos-hia.

Pinto sabe-o. Pinto não nos quer chamar aos tribunaes, porque quer evitar a exauctoraçãõ formal que d'ahi resultaria. Acha mais facil e mais commodo vingar-se por conta alheia.

Já vimos o que elle fez na questãõ do gatuno, que roubou por largos annos um amigo nosso, vindo a confessar o ultimo d'esses roubos. Como se tratava d'um amigo nosso, logo Pinto se apressou a absolver o gatuno.

fôra feito d'elle não encontrõ o mais leve indicio; parecia ter sido arrebatado pelas fadas. Talvez que Oswaldõ (porque os saxões eram muito supersticiosos) chegasse a convencer-se de alguma hypothese semelhante para explicar o desaparecimento d'Ivanhoé, se não tivesse de repente olhado para uma especie de escudeiro no qual reconheceu as feições de Gurth. Inquieto por não saber de seu amo e com o desespero pela sua subita desapareçãõ, o porqueiro, procurando-o por todos os lados, descuidara-se quanto ao disfarce exigido pela sua propria segurança. Oswaldõ julgou do seu dever aprisionar Gurth como um fugitivo cuja sorte devia ser decidida por Cedric.

Proseguindo nas suas investigações quanto ao destino de Ivanhoé, o copeiro só pôde saber que

Já vimos o que elle fez na questãõ da fiança do editor do *Povo de Aveiro*, onde Pinto se revelou tal qual é. Nunez esquecerá essa famosa historia de um homem, que occupa o importante logar de juiz, dizer a uma testemunha, necessaria á defeza d'um accusado, que se ausente, confiada na palavra do mesmo juiz, certa de que o accusado nada soffrerá com isso, com o proposito já feito de se valer d'essa ausencia para prejudicar o accusado.

Pinto nunca perdeu, nem perderá, occasião de nos prejudicar, por isso mesmo que Pinto é tudo, menos um juiz. Isto está tanto na consciencia do publico, isto de Pinto ser tudo menos juiz, que todos os que teem sentenças pendentes de Pinto se apressam, para as obter favoraveis, não só a recorrer ao advogado compadre de Pinto, como a tornar-se miseravelmente subservientes perante os caganifancias amigos de Pinto e miseravelmente insolentes perante os inimigos de Pinto.

Ora se isto é assim, se Pinto nos tem um odio figadal, se nutre por nós um rancor que lhe perturba o somno, se arde em desejos de vingança, porque deixa Pinto impunes estes artigos, onde Pinto fica mal ferido, decididamente?

Vamos. E' indispensavel que Pinto não se mova contra nós sempre acobertado por outros. E' preciso que Pinto proceda por conta propria. Não lhe consentiremos, por mais tempo, que se aproveite dos outros para se vingar de nós.

Vamos. Entenda-se comnosco directamente e fica liquidada a pendencia. Ou conserval-o-hemos eternamente sob o peso moral da opiniãõ publica.

Esta cidade de Aveiro está sendo famosa. Amigos particulares nos manifestam, verbalmente e por escripto, o seu pasmo sobre os factos e actos de tremenda immoralidade, occorridos aqui, que vamos narrando.

E' para que saibam.

Estando o paiz desmoralisadissimo, o que se passa em Aveiro ainda é de natureza a causar pasmo no meio da geral desmoralisaçãõ.

E' para que saibam.

E continuaremos.

Facada

Na quinta-feira, pelas 2 horas da madrugada, na Murtosa, João Pedro Rebesso, deu uma facada a Manuel Tendaço, da freguezia do Bunheiro, na occasiãõ em que este estava a falar com o namoro. O estado do infeliz é desesperado.

o cavalleiro fôra levantado com todo o desvelo por lacaios ricamente fardados e collocado n'uma liteira pertencente a uma dama que estava entre os espectadores, sendo por elles immediatamnte transportado para fóra da lica. Sabendo isso, Oswaldõ resolveu ir ter com seu amo para receber novas instruções, e conduziu Gurth consigo, considerando-o como desertor do serviço de Cedric.

O saxão estava profundamente inquieto e ancioso por saber o destino de seu filho, porque a natureza readquirira os seus direitos, a despeito do estoicismo patriótico que tentara renegal-os. Mas quando soube que alguém tinha tomado conta de Ivanhoé e provavelmente mãos amigas o estavam pensando, a anciedade paternal, produzida pela incerteza da sua sorte, fez de

zar da sua mandrice, porque, se tem fiscalizado a tempo os seus negocios, não perderia o que perdeu, não cessa de lançar improperios contra F., certo de que este poderia ter tido menos sorte ou menos capacidade mas de que não teve proposito nenhum de lhe acarretar prejuizos, esperando sempre salv-os com outras empresas em que se mettia ou com uma aragem de felicidade que nunca vinha.

F., como já dissémos, era um patacoada, que consentia que um filho lhe empatasse annos successivos em estudos de que não tirava resultado, que um outro tivesse presumpções de *sportman*, que a mulher tivesse manias de grandeza fidalga, esses vicios caracteristicos d'esta sociedade idiota. Mas esta mulher trabalhava e compensava bem com o seu trabalho o que podesse gastar a mais n'esses pequenos arremedos de grandezas. Mas o filho *sportman* trabalhava, e não era nada do que se chama um extravagante. Mas elle era um moiro de trabalho e não gastava dez réis mal gastos com a sua pessoa.

J. é o ente hediondo que acabamos de definir.

Pois uma grande parte d'esta sociedade local não só vive intimamente com este torpe bandido, como o applaude nas suas ejaculatorias contra todo o mundo.

O *Povo de Aveiro* não é só lido em Aveiro. E' bom que lá fóra se veja o estado de abjecção a que esta sociedade chegou.

As proprias auctoridades, os proprios magistrados ouvem este bandido, cheio de crimes, não só calunniar como ameaçar os outros.

Nas proprias barbas d'um magistrado prometia ha dias o bandido vingar-se de certo inimigo matando-o com um revolver. Deante de um policia dirigia os maiores improperios ao mesmo individuo. Feita uma queixa ao commissario de policia, este interrogou o policia, mas deu as suas averiguações por terminadas logo que o policia lhe disse que não tinha ouvido nada!

Isto faz-se n'esta terra. E isto, junto ao mais que o *Povo de Aveiro* relata ha muitos mezes, deve mostrar eloquentemente aos estranhos o que esta terra vale.

Não ha nada no paiz mais dissonante! Não ha nada mais criminoso! Na ha nada, com honrosas mas poucas excepções mais desmoralizado!

Esta canalha não admite só que J. dirija, sem motivo justificado, as mais infames accusações a F. Admittir-se-lhe-iam algumas censuras. Accusações infames como as que elle lança, de fórma alguma.

Esta canalha, dizemos, não admite só isso. Admittre mais e peor. Admittre que o bandido—e isto é o peor de tudo—propague a columnia e o descredito contra outro homem que não teve responsabilidade nenhuma nos actos de F. Porque procede o bandido assim? Porque esse terceiro individuo nunca transigiu com os crimes e infamias do canalha. Porque sempre o repelliu do seu convivio intimo. Porque sempre se referiu a elle, em conversas com todo o mundo, nos termos desfavoraveis que o ignobil procedimento do sujo cidadão reclamava. Porque mais do que uma vez—e ainda ha pouco n'uma casa publica—o obrigou violentamente, sob a ameaça de o esbofetear, a retirar impro-

perios e infamias ditas contra pessoas respeitaveis.

Esta é a grande verdade. Alguém que nos desminta. O odio do canalha contra essa terceira pessoa vem do procedimento intransigentemte digno que esta tinha contra elle.

E' isto que mais nos indigna n'esta occasiãõ. E ha um bando de miseraveis, de tratantes sem pudor, que acompanham o assassino dos proprios filhos, o ladrão porco do milho, das batatas e das aboboras dos lavradores, o gatuno das flores dos jardins publicos, o envenenador das gallinhas dos visinhos, o faquista dos animaes domesticos, a fera que arranca os olhos aos carneiros dos inimigos, o pulha que faz gestos indecentes da rua para as senhoras que assomam ás janellas, o bebedor que vomita o vinho nas notas do banco de Portugal, o arruaceiro que quebra de noite as vidraças dos que pedem justiça contra elle, ha n'esta terra um bando de miseraveis, de pulhas, de malandros, de cynicos grillhetas que acompanham a horrenda creatura na guerra traiçoeira e covarde feita a um homem, que pôde ter defeitos, como todos nós os temos, mas que foi sempre incapaz d'uma indignidade e tanto que o odio do canalha provem unicamente d'esse cavalleiro nunca o ter absolvido nem poupado nas infamias por esse canalha commettidas.

Mas não importa. Se v. dér licença eu porei o dedo na chaga d'esses tratantes, a começar n'aquelle doutor cabrão que dizia que nenhum homem decente podia viver ao pé de J. e n'aquelle ladrão do testamento que encetou a sua honrada vida gatunando na repartiçãõ publica em que estava empregado.

Ora dê-me v. licença para eu lhe escrever terceira carta.

Pois escreva.

A nossa vez ha de chegar.

Ainda nós não falámos!

Ainda nós não falámos!

A. B.

Expediente

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que já enviamos para as estações competentes os recibos do 2.º semestre do «Povo de Aveiro».

A todos pedimos que satisficam a sua assignatura logo que o correio lhes apresente o recibo, para nos evitarem novas despezas que se fazem com a cobrança.

\* \* \*

Nas localidades onde o correio não faz cobrança, os nossos assignantes podem enviar a importância da sua assignatura á administração d'este jornal, ou em vale do correio, ou carta registada, deduzindo a importância que gastarem na sua remessa.

Pára-raios

O edificio do Terreiro já está armado com três pára-raios.

Quando Cedric o Saxão viu cair seu filho sem sentidos na lica de Ashby, o seu primeiro impulso foi recommendal-o á guarda e aos cuidados dos seus servos; mas a ordem expirou-lhe nos labios. Não pôde decidir-se a reconhecer, perante uma tal assembléa, o filho que renegara e desherdara. Ordenou, comtudo, a Oswaldõ que não o perdesse de vista e encarregou-o de, ajudado por dois dos seus servos, transportar Ivanhoé para Ashby assim que a multidãõ se tivesse dispersado. Mas Oswaldõ teve quem se lhe anticipasse n'essa boa obra. A multidãõ dispersou-se, com effeito, mas o cavalleiro não foi encontrado em parte alguma.

Foi em vão que o copeiro de Cedric procurou o seu joven amo; viu a mancha de sangue no sitio em que elle desmaiara, mas do que

A caminho! Devemos atravessar por desfiladeiros e valles onde a pequenina corça brinea junto da timida mãe e onde o sol, atravessando a ramaria do carvalho gigantesco, desenha mosaicos caprichosos no caminho coberto de relva. Arriba e a caminho, porque é agradável caminhar por estas veredas quando o sol brilha com toda a sua pompa, e é menos agradável e seguro andar por ellas quando o astro de Cynthia alumia com o seu clarão duvidoso a floresta sombria.

THEATRO AVEIRENSE

E' hoje que a *Tuna Talábrica* dá o sarau musical que aqui noticiámos, levando tambem á scena algumas cançonetas e monologos.

Eis o programma:

1.ª PARTE

- 1.º—*Le Fier à Bras* (passe doble), Moraes.
- 2.º—*Habanera da Niña Pancha*, Romea y Valverde.
- 3.º—*Marcha Indiana*, Selenik.

2.ª PARTE

- Cançoneta de Accacio Antunes—*Se eu fosse rapaz...* por Simões Cruz.
- Monologo de Ernesto Rodrigues—*O debut*, por Lino Marques.
- Cançoneta de Accacio Antunes—*Pschut!... Olá!*, por A. Maia Junior.

Scena comica de J. A. Ferreira, musica de A. P. Leão—*Epiphania Pancada*, pelo auctor da musica.

3.ª PARTE

- 1.º—*Beira-Mar* (jota), Adriano Costa.
- 2.º—*Cantata Suecca*, Todskey.
- 3.º—*Diademe*, \*\*\*.

4.ª PARTE

- Cançoneta de Sousa Rocha—*Descarrilar*, por J. Allelnia.
- Monologo de Feliciano Correia—*Nunca! N'isso!*, por Pompeu Pereira.
- Cançoneta, musica e letra de Adriano Costa—*Um bom sachrista...* por Lino Marques.

5.ª PARTE

- 1.º—*Algabeño* (passe calle), Salvador.
- 2.º—*Recuerdos de Vigo* (gavote) \*\*\*.
- 3.º—*Espana, Granada*.

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

Importação de milho

O «Diario do Governo», publicou tres decretos, regulando a importação de 40 milhões de kilogrammas de milho.

Um auctorisa a importação, até 31 de julho, não permitindo que esse cereal seja vendido por preço superior ao estabelecido no decreto de 16 de novembro de 1899, punindo com as penas n'esse decreto mencionadas, quando o milho importado não fôr exclusivamente destinado á alimentaçãõ publica no continente do reino; outro ordena aos governadores civis que informem o ministerio das obras publicas ácerca dos preços do mesmo cereal, ou quaesquer condições do mercado respectivo, para o governo providenciar a bem da alimentaçãõ publica e punir os delinquentes; e o terceiro determina que a inspecção technica das farinhas exerça a mais rigorosa fiscalisaçãõ sobre o milho importado.

novo logar ao orgulho ferido e ao resentimento pelo que elle chamava a desobediencia filial de Wilfredo.—«Que siga o seu caminho, disse elle, e que lhe pensem as feridas esses por amor de quem as recebeu. Elle antes quer fazer as peloticas dos cavalleiros normandos do que manter a fama e a honra dos inglezes seus antepassados com o gladio e a acha, as antigas e boas armas do seu paiz.

—Se para manter a honra dos seus antepassados, disse Rowena, que estava presente, é sufficiente ser avisado no conselho e intrépido na execuçãõ, ser o mais ousado entre os generosos, nenhuma voz que eu saiba, a não ser a de seu paiz.

—Silencio, lady Rowena! A esse respeito não vos posso ouvir

FOLHAS SOLTAS

PARTINDO...

Pela noite negra rola a trovoadra,  
Raios do infinito vão-nos fuzilar...  
Quando assim troveja para a madrugada,  
Que desgraças!... ai dos que andam no alto mar!

Iles ser prostrados carvalhaes eternos,  
Ao bramir soturno d'este vendaval!...  
Minha avó recorda os seus ventos invernos  
E que se não lembra d'uma noite igual!

«Se anda alguém lá fóra, vejam que desgraça...  
Com tal tempo e a quem caminha a noite inteira...  
O nordeste agudo á nossa porta esvoaça  
Com risadas loucas de palhaço em feira.

A saraiva fria galga sobre o vento  
Como mil gigantes n'uma cavalgada;  
O ribeiro avança, tímido e barrento...  
Pobres camponeses, não vos fica nada!

E fulminam raios! que será de nós?!  
«Rezem meus meninos, que é feliz quem reza,  
Ralha Deus no espaço; vou pedir por vós...  
Não choreis, meninos, que me faz tristeza.»

Machos d'almocreves, n'uma caravana  
Vão na serra agora... que a Ventura os leve...  
Se amanhã lá fôrem, hão de carne humana  
Encontrar mordida com postas de neve!

Dão co'a morte em frente, quando buscam pão!  
Só descobrem fêras para os devorar!  
Que o Senhor lhes valha, já que pobres são...  
Que o Senhor os traga salvos ao seu lar...

Vida desgraçada a dos que vão lá fóra:  
Homens de cabanas, gente pobresinha,  
Por montanhas cruás a expirar... Ness'hora  
Nasci eu ao mundo por desgraça minha!

Uma vez, no campo, minha mãe lembrára  
Ordenar-me padre; que lembrança aquella!  
Que feliz seria... era uma vida rara...  
E levar-me á escola mesmo iria ella.

Tinha já quinze feitos pelo inverno.  
Trabalhava em tudo, já lavrava a terra,  
Não temia nunca temporaes de inverno  
E ia, noite negra, moirer p'ra serra.

Minha pobre vida, que tão simples era!  
Eu sonhava um mundo que não mais achei;  
Todas as manhãs eram de primavera  
Tudo paraizos... coisas que eu sonhei!!...

Cada rapariga era um amôr perfeito,  
Para cada uma tinha um coração!  
Que para mim pulsava uma alma em cada peito  
Quando á noite eu vinha mais o meu alvião.

Isso sei eu bem, que m'ó dissêram todas,  
Quando adeus lhes disse para nunca mais!...  
Todas me queriam para as suas bôdas,  
Dos meus olhos lindos como dois pombaes.

Quando eu ia á egreja tudo commentava:  
«—Que rapaz sadio para trabalhar!»  
E entre as raparigas muita suspirava:  
«Que tão lindo moço para me eu casar».

E os aleijadinhos a quem dava esmola:  
«Deus lhe dê boa sorte já que tão bom é!»  
E meu Pae, coitado: «Quem te dêra a estôla:  
Que felicidade para ti, José!»

Mas parti um dia e tudo me viu ir.  
Minha avó chorava: «faz-nos tanta falta!»  
E de lonje os lenços viam-se a luzir...  
—Adeus, camponeses... minha casa alta!

Ide preparar-vos para o banquete do príncipe; nós fomos convidados para elle com demonstrações de consideração e cortezia como raras vezes os altivos normandos tem tido com a nossa raça depois da fatal batalha d'Hastings. Quero lá ir, ainda que não seja senão para mostrar a esses normandos como um saxão faz pouco caso da sorte de um filho que venceu os mais valentes d'entre elles.

— Eu não vou lá, disse Rowena; e olha bem que o que vos parece coragem e firmeza, pôde muito bem ser dureza de coração.

— Pois ficae em casa, ingrata dama, respondeu Cedric; quem tem o coração duro sois vós, que sacrificae os interesses de um povo oprimido a uma inclinação frívola e não autorizada. Eu vou procurar

o nobre Athelstane e com elle irei ao banquete de João d'Anjou.

Partiram consequentemente para o banquete, do qual já narrámos os principaes successos. Assim que saíram do castello, os thames saxões, com o seu sequito, montaram a cavallo, e foi durante o movimento da partida que os olhos de Cedric cahiram pela primeira vez sobre o porquero deserto. O nobre saxão, como vimos, voltara do banquete de pouco bom humor e disposto a descarregar a sua colera sobre alguém ao primeiro pretexto.—Cadeias! bradou elle, cadeias! Oswald! Handiberto! Cães e tratantes! Porque não prendeis esse miseravel?

Sem ousarem fazer observações, os companheiros de Gurth amarraram-no com o primeiro cordel que lhes appareceu. Elle sujeitou-se a

essa operação sem protestar, dizendo, ao mesmo tempo que lançava a seu amô um olhar de sensura:— Isto é o resultado de eu ter mais amor á vossa carne e ao vosso sangue do que a mim proprio.

— A cavallo e andar! disse Cedric.

— Já não é sem tempo, disse o nobre Athelstane; se não apressamos o passo, os preparativos do digno abbade Waltheoff para a sobre-ceia (1) ficarão inteiramente perdidos.

Os viajantes, porém, fizeram toda a diligencia para chegarem ao convento de S. Witholdo antes de

(1) A sobre-ceia (rere-supper) era uma refeição nocturna que se usava depois da ceia ordinaria, a hora adeantada.

Illusões d'outr'ora, onde irão ellas hoje!...  
Tudo morreu já na minha phantasia,  
Nossa infancia é como a nuvem que nos foge...  
Vamos para a morte e cada passo é um dia...

Terra dos meus sonhos, que me estás lembrando,  
Manda-me as tuas aguas, manda-me o teu ar.  
Tem-me a ceia prompta mais a cama, quando  
Morto de saudade, para ti voltar.

THOMAZ DA FONSECA.

Um cyclista a braços... com as patas d'um cavallo

Na quinta-feira passada, pelas 5 horas da tarde, ia ficando esmagado debaixo d'um carro de cavallos, em frente ao largo do Manuel Maria, um bicyclista incipiente que, em carreira desenfreada esbarrou de encontro aos cavallos que lhe passaram por cima e dêram um bom par de apalpadellas, deixando a bicycleta alguma cousa damnificada.

O cocheiro, que nenhuma culpa teve no succedido, segurou ainda a tempo os cavallos, impedindo que as rodas do carro passassem por cima do pobre cyclista, que esperneava debaixo das patas trazeiras d'um dos bichos, que parecia disposto a não lhe deixar inteiro um osso do costado.

Felizmente não soffreu cousa de maior, conseguindo sair quasi illeso dentro as patas inclementes das cavalgaduras.

Irra!  
Já é ser rijo da carcassa.

Os reservistas

Veio já publicado no «Diario do Governo» o decreto chamando a serviço de instrucção pelo tempo de 27 dias, as praças da 2.ª reserva do continente.

Em cada districto de recrutamento e reserva, são chamadas 170 praças que não serviram no exercito activo e pertencentes aos regimentos de infantaria de reserva, sorteadas no anno de 1899, formando um total em todo o reino de 4:000 praças.

O chamamento será feito principiando pelas praças que tiverem o numero mais baixo no sorteo do contingente de 1899.

São dispensadas da convocação as praças que tiverem remido a obrigação do serviço activo, as residentes no estrangeiro com a devida licença e as que foram apuradas para os serviços auxiliares do exercito em tempo de guerra.

O primeiro dia de marcha para os reservistas será o dia 1 d'agosto.

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro —Lisboa.

CONHECIMENTOS UTEIS

O SOL E O ASSUCAR DAS UVAS

A maior ou menor força e intensidade, com que os raios solares se despejam sobre as diversas culturas, occasiona sempre bondade ou defeito nas mesmas culturas.

Na vinha sobretudo, é patente a influencia da luz e do calor.

Todos conhecem a differença que se encontra nos productos creados em vinhas expostas ao nascente,—ou de sol avesso,—com as que olham para o poente e não perdem de vista o sol até ao seu desaparecimento no horizonte.

Estas idéas são muito geraes e é uso muito seguido o desfolhar as vinhas na proximidade da vindima, para—é costume dizer—dar calor e ar ás uvas, e é ainda costume antigo, e bom costume, o arrancar as folhas que tocam e rodeiam as flores da vinha, quando aquellas estão para limpar e tornar patente o infantil cacho.

Ora, sendo todos concordes que a intensidade da luz e o ar favorece a formação e robustece as qualidades da uva, contraditavam-se comtado as diversas explicações que este phenomeno despertava aos vitiadores mais cultos e sabidos em praticas vinhateiras.

Parecia a uns que a desfolha era sempre má, porque não eram extranhos a saber que é nas folhas que se executa a elaboração do assucar, que mais tarde apparece nas uvas, e era-lhes igualmente conhecido—depois dos interessantes estudos de Muller—que os acidos abundam tanto mais nos bagos, quanto maior é a quantidade de folhas arrancadas ou perdidas.

Diziam outros que o aquecimento directo da uva pelos raios solares, devia provocar uma circulação mais activa nos liquidos alimentadores da uva, e que d'esse modo deveria a pujança da luz e do calor favorecer a accumulção de principios saccharinos na uva. Tudo isto era accetavel, mas gratuito e sem a base sólida que se pôde assentar e derivar dos resultados de analyses, verificados sobre os pontos duvidosos da questão.

Foram essas analyses que mr. Muntz fez, e, graças aos estudos d'esse sábio, é hoje sciencia certa que o aquecimento directo dos raios solares beneficia a qualidade da uva no sentido da sua docura, sem por fórma alguma lhe augmentar o assucar, e sómente pela diminuição que opera nos

ter logar aquella desgraça. O abbade, que era tambem descendente de uma familia saxonia, recebeu os nobres saxões com a faustosa e exuberante hospitalidade usada pela sua nação. Estes ficaram á meza até alta noite, ou antes, até ao despontar do dia, e só se despediram do seu reverendo hospedeiro depois de terem pela manhã partilhado com elle uma sumptuosa refeição.

No momento em que a cavalgada sahia do pateo do mosteiro, deu-se um incidente que bastantes sobresaltou os saxões, que de todos os povos da Europa eram os mais dados á supersticiosa crença nos presagios e a quem se devem imputar muitas crenças d'esse genero mencionadas nas nossas antiguidades populares; porque os normandos, raça mixta e mais illustrada, tinham perdido a maior parte dos

adidos da mesma uva. E isto está plenamente de accordo com mr. Pasteur, que demonstrou ha muito que a luz directa do sol favorece a oxydação dos acidos. A verdade é que o processo de livrar as flores da cepa, antes da sua limpeza, das folhas que as rodeiam, e a que chamam alegrar o cacho, e a desfolha racional nas proximidades da vindima, são praticas que se deverão seguir cuidadosamente, como tambem deveremos sempre preferir, para as nossas vinhas, a exposição poente á exposição ao nascente.

Antonio Batalha Reis.

O bazar

Realizou-se, como noticiámos, o bazar promovido pela Associação dos Mercanteis e Pescadores da Ria de Aveiro. A casa d'esta Associação estava lindamente engalanada com festões e verduras entrelaçadas com utensilios de pesca e de outras artes correlativas. Tocou no largo, tanto de tarde como á noite, a phylarmónica Aveirense.

Para ver a exposição

Na noite de 25 do mez finda, pelas 2 horas da madrugada, uns policias encontraram a dormir n'um banco do boulevard Ménilmontant, em Paris, uma rapariguinha de onze annos, muito galantemente vestida.

Levada para uma esquadra proxima confessou por entre lagrimas ter fugido aos paes, commerciantes em Neuilly-sur-Marne, para ir a Paris ver a exposição.

Conta ella que, depois de ter atravessado florestas enormes, cuira, semi-morta de fome e de cansaço, sobre o banco, onde os policias a encontraram. A pequenita, cujos paes foram avisados, chama-se Adeline Biset.

ANNUNCIOS

Bicycletas

Domingos Luiz Valente d'Almeida, vende e alugabicycletas da marca «PEGU».

16—Rua da Corredoura—18

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de alugar, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Rua da Alfandega

AVEIRO

preconceitos que os seus antepassados haviam trazido da Escandinavia e jactavam-se de pensarem livremente sobre taes assumptos.

N'aquella occasião o presentimento de uma desgraça imminente foi inspirado por um propheta respeitavel,—nadamenos que um grande cão preto e escanzelado, que, sentado e de focinho estendido, se poz a uivar lamentosamente quando os primeiros cavalleiros transpuzeram a portaria, e depois, dando latidos extravagantes e pulando de um lado para outro, parecia querer acompanhar a cavalgada.

— Não gosto d'esta musica, pae Cedric, disse Athelstane, que costumava dirigir-se-lhe d'este modo em signal de respeito.

(Continúa.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

Os Mystérios da Inquisição

POR F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, sceuas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

*Precioso brinde a todos os senhores assignantes:* Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa*—ou aos seus agentes.

**ALBINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacaven que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.**

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de q'qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

Azeite do Douro BARRA - PHAROL

**NINGUEM** compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos. Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

**ESTA** farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

**OS** srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, o mais necessario generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

**VINHO DE MEZA**:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO AVEIRO

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins (O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

**ESTE** antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para venda.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

**VENDE-SE** a 160 réis a garrafa no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.**—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES—AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCOES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos